

ARQUITBANCADA GRINGA

Paixões brasileiras por clubes europeus

César Costa

ARQUIBANCADA GRINGA

Paixões brasileiras por clubes europeus

César Costa

Arquibancada gringa: paixões brasileiras por clubes estrangeiros.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de bacharel no curso de Comunicação Social – Jornalismo.

César Augusto de Oliveira Costa

Orientação: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly
Arte e diagramação: Letícia Santiago

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

*Feito sobre histórias de amor, dedico esse livro ao meu
eterno companheiro do samba e do repique, Davi Claro.
“Não vou esquecer, vou te celebrar”.*

SUMÁRIO

9	Introdução
12	Espanhol não, catalão
25	O jogo do gol do Koulibaly
38	Muralha (verde e) amarela
52	Agradecimentos
56	Referências

INTRODUÇÃO

Falar sobre futebol é falar sobre calor. Afinal, é uma febre - de escala mundial — atingindo milhões e milhões de pessoas. Esquenta a alma, dá um fervor diferente para o dia a dia da vida de qualquer fanático. O ser torcedor é estar o tempo todo preparado para lidar com essa solução ou problema: às vezes é o que expande sua chama, às vezes é o que queima e arde.

A breguice desse primeiro parágrafo em síntese é: não há porque racionalizar tanto algo tão passional. Muito desse esporte é o amor, é o sem sentido, é o prazer e a vontade. O sentimento é honesto, independente do quão atípico. Mesmo que seja por uma ideia a um oceano de distância.

Vamos passar pela Catalunha, Nápoles e Dortmund e descobrir o que se esconde atrás da frieza dos números de curtidas e sensos. Segundo a pesquisa CNN/Itatiaia/Quaest feita em abril de 2023, um a cada três brasileiros (mais precisamente 35%) torcem para um time estrangeiro¹. A diversidade é imensurável, basta uma passada nas redes sociais para encontrar até páginas de fãs clubes de equipes de divisões inferiores estrangeiras.

Apesar das críticas (e não são poucas) aos nutellas ou modinhas, como são chamados de forma pejorativa

¹ SIMÕES, A. Real Madrid tem a terceira maior “torcida” do Brasil, aponta pesquisa CNN/Itatiaia/Quaest. Disponível em: <<https://www.itatiaia.com.br/editorias/esportes/2023/04/11/real-madrid-tem-a-terceira-maior-torcida-do-brasil-aponta-pesquisa-cnn-itatiaiaquaest>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

os simpatizantes de clubes europeus, as histórias aqui contadas vão além do imaginário raso. Me arrisco a dizer que são mais os fatores extra campo a cativar os novos adeptos do que grandes craques internacionais, entre outros elementos do senso comum. O leque de “opções de time do coração” se diversificou, e a chance de se associar com o distante é maior agora do que em outros tempos.

E mesmo que não fosse o imediato, e sim o antes, há relatos que constroem esse laços desde décadas passadas. Relações entre torcedor e instituição que ultrapassaram e sobreviveram a escassez de informação.

A variação foi decidida, em parte, pela dimensão dos envolvidos. O primeiro, Barcelona, é uma das marcas (perdão o uso dessa palavra) mais conhecidas em todo o globo. Na pesquisa da CNN citada anteriormente, os blaugranas² aparecem com 9% da preferência de todo o público brasileiro. Isso é um empate com o Palmeiras, um dos maiores do país. Multicampeão, casa de diversos craques brasileiros e certamente famoso, o time catalão precisava figurar nesse livro-reportagem pelo seu impacto no nosso futebol. Curiosamente, o mais popular das três instituições aqui abordadas teve o encontro mais contido, porém, o de maior intimidade entre todos os participantes — com catalães que agora residem no país, e brasileiros que moram lá.

Quantidade não foi um problema para a reunião dos **tifosi**³ do Napoli. São Paulo naturalmente tem uma concentração de italianos por conta da imigração

2 Cores do Barcelona. É uma das formas de se referir ao clube.

3 Tifosi é uma palavra italiana para designar torcida.

ocorrida na cidade. E o bairro da Mooca, tipicamente lembrado por suas raízes com o país da Velha Bota, foi o lugar perfeito para abrigar tanta paixão napolitana, mesclando originários do continente europeu a jovens universitários. Não havia faixa etária, gênero ou etnia. Um modesto clube italiano juntou uma quantidade expressiva de fanáticos em um bar na zona leste da capital paulista para ver um jogo de futebol às 10h de um domingo pela televisão. Amores gravados em pele, inclusive, através de tatuagens com escudo do time e nome de ídolos. O tradicional futebol italiano respirava.

O terceiro elemento desse simples relato não envolvia o tamanho gigantesco do Barça, ou a tradição secular do *calcio*⁴ (futebol em italiano). Uma equipe não tão conhecida a nível internacional e que só tem duas torcidas oficiais fora do seu país de origem — uma delas aqui no Brasil. O Borussia Dortmund e seu uniforme amarelo inconfundível (quase) viveu um conto de fadas em 2023. Sua grande marca é, justamente, a temática desse livro: a torcida. Mesmo sem títulos, vitórias expressivas por anos, e até com campanhas frustrante, o apoio é irrestrito. Um fanatismo até entendível quando você expressa pelo time da sua cidade, do seu bairro, da sua família. Mas a milhares de quilômetros de distância é realmente singular. No nosso caso, é bem plural, pois foi outro encontro com uma quantidade considerável de sofredores.

As primeiras palavras escritas dão a entender que essa é uma obra romântica. Não é. Sendo sincero, está mais para uma tragédia grega. Talvez por culpa minha. Onde eu pisei, tudo descambou. Não tive a sorte (olha

4 Calcio é uma palavra italiana para designar futebol.

só) de poder comparar vitórias com derrotas. A ótica, o depoimento, o desabafo, tudo feito com um pouquinho do ardor e com gritos entalados na garganta.

ESPAÑOL NÃO, CATALÃO

Foram pouquíssimas mensagens trocadas até marcar esse primeiro encontro. Apesar da imensa curiosidade sobre quem estava administrando aquela página no Facebook, preferi guardar todos os anseios, dúvidas, questionamentos, entre outras coisas para o ‘enfrentamento’ cara a cara. Foi bom, a única informação que eu precisava chegar sabendo no encontro era: vou dar de cara com uma torcida organizada oficial do Barcelona no Brasil.

Não foi nem um pouco difícil encontrar esse grupo. Afinal de contas, o clube da Espanha (mas que nem todos consideram espanhol) é um dos com maior simpatia dos brasileiros. Não falo isso só pela correlação simples de fazer com os grandes talentos brasileiros que atuaram por lá como Ronaldinho Gaúcho, Romário, Ronaldo, Neymar, entre outros, mas também por números: uma pesquisa feita em abril em de 2023 revelou que o Barça tem a segunda maior torcida de um clube europeu no Brasil, com 9% dos entrevistados⁵, atrás somente do multicampeão da última década, Real Madrid.

Porém, a dificuldade se reservou ao acertar o

⁵ SIMÕES, A. Espanhol e Inglês disputam posto de liga “queridinha” dos torcedores brasileiros. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/espanhol-e-ingles-disputam-posto-de-liga-queridinha-dos-torcedores-brasileiros/#:~:text=Apesar%20de%20contar%20com%20os>>. Acesso em: 17 maio. 2023.

nome. Penya⁶ Barcelonista é a torcida oficial que se reúne religiosamente para assistir aos jogos mais importantes do time. Esse foi um dos assuntos abordados durante a conversa, essa alcunha, e que acabou surgindo naturalmente já que em outras páginas de clubes europeus você lê simplesmente o nome do time seguido de Brasil, como AC Milan Brasil, Paris Saint-Germain Brasil, Borussia Dortmund Brasil, entre outros.

A reunião aconteceu para assistir um confronto importantíssimo na temporada do Barça. Era o grande clássico espanhol, certamente um dos maiores do mundo, contra o rival Real Madrid. Em partida

⁶ Penya é uma palavra catalã que pode ser usada para designar torcida. Neste caso, a ‘Penya Barcelonista’ pode ser traduzida para ‘Torcida do Barcelona’.



Encontro pessoal: alguns conhecidos de longa data na reunião da Penya Barcelonista.

válida pela Copa do Rei em 05 de abril, a tradicional competição de mata-mata na Espanha, os blaugranas vinham com uma vantagem de um a zero depois de vencer a equipe da capital espanhola por esse placar em Madrid, no Santiago Bernabéu. Com três vitórias seguidas do Barcelona no duelo, a expectativa geral era de mais um triunfo dos catalães.

Cheguei no lugar com isso em mente, e que provavelmente seria um dia de festa. Não conhecia a cara dos organizadores do evento, mas o fato do encontro ser em um bar, na região de Pinheiros, às 16h em uma quarta-feira dia útil, dificilmente iria encarar uma multidão de pessoas como são esses lugares de final de semana. E realmente, me deparei com uma bandeira enorme do Barcelona na fachada de um bar quase vazio.

Quando entrei no ambiente, havia três pessoas. O gerente do bar, que logo me cumprimentou, e um casal de pessoas com um pouco mais de idade, que arrumavam os últimos detalhes da decoração antes do resto da torcida chegar.

Além do bandeirão na frente do estabelecimento, outras bandeiras estavam espalhadas pelo local que, apesar de uma cerquinha de madeira, era aberto ao ar livre. A televisão, já ligada no pré-jogo, ficava no alto, e tinha uma mesa com cerca de 10 lugares na frente. Ah, claro, o detalhe mais importante: o casal de velhinhos estava com a camisa do Barcelona — e não me reconheceram certamente porque, na minha foto nas redes sociais, meu cabelo era de outra cor. Então, me apresentei.

A parte do cabelo não fui eu que assumi, foi realmente a primeira coisa que a Lilian me disse.

Muito simpática me recebeu e apresentou seu marido, Miquel, com quem tive a primeira conversa mais longa. Ele é o presidente da Penya de São Paulo e um dos principais responsáveis por manter esses encontros vivos na cidade.

Ele foi enfático ao dizer que não teve um momento que começou a pensar em torcer para o Barcelona, foi algo muito natural. Apesar de viver no Brasil, é catalão — sim, não é espanhol, catalão — e teve um episódio em especial que o marcou na infância, aos 9 anos, ainda no continente europeu. “O Barça era tido como um time que sempre perdia, sempre estava atrás do (Real) Madrid. Então chegou Cruyff, e as vitórias vieram: um triunfo na La Liga depois de 16 anos e também uma goleada marcante por cinco a zero no Bernabéu (estádio do Real). A partir dessa época comecei a ficar fanático por futebol”.

Quem conhece Johan Cruyff sabe que faz um ‘tempinho’ desde sua passagem pelo Barcelona. O holandês que revolucionou o futebol desembarcou na Catalunha em 1973⁷. Hoje, Miquel Pardina tem 59 anos, e mais da metade deles passou como sócio do Barcelona, 31. E mesmo mudando de país, a paixão não cessou. No começo dos anos 2010, devido a crise econômica no continente, optou por morar em outro país e viu no Brasil oportunidades para seguir na sua profissão que envolvia estudo de mercados. Estabelecido, depois de conseguir um emprego como diretor diretivo de uma empresa de análises de mercado, vive há mais de uma década aqui - e fala um

⁷ Johan Cruyff - Perfil de jogador. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/johan-cruyff/profil/spieler/8021>>. Acesso em: 21 maio. 2023.

bom português, misturado, claro, com um pouquinho de ‘portunhol’.

Dar continuidade ao seu amor pelo Barcelona não foi uma tarefa complicada. O fenômeno das Penyas já era de seu conhecimento. São torcidas organizadas do clube fora do país, e existem por todo mundo. Desde 2015, Miquel é presidente da Penya em São Paulo e não sente tantas saudades assim.

Primeiro, a ressalva: ele ainda vai para o Camp Nou, o estádio do clube, esporadicamente, mas esse não é o ponto. “A experiência com Penya é tão intensa. Quando o Barça ganhou a última Champions League (a competição mais importante de clubes da Europa) em 2015, tudo se compensou. Era muito legal estar aqui no Brasil, com toda essa torcida. Fazíamos festas extraordinárias”.



Barriga vazia: os últimos preparativos para o jogo em que o Barcelona não marcou nenhum gol.

Sua presença nos dois lados da moeda também o permitiu reparar em diferenças. Segundo o catalão, aqui às vezes os jogos de times estrangeiros podem se desenhar de maneira mais divertida, mais festiva, mais pelo prazer de estar vendo o esporte. Também notou que é comum brasileiros terem dois clubes, um local e o Barcelona. Mas a relação com o time estrangeiro, no geral, é mais com o time masculino de futebol e se restringe a isso. “Na Catalunha, está acontecendo um boom, e em outros lugares da Europa também, relacionado ao futebol feminino. Aqui no Brasil também, mas não relacionado com o Barça, mas com o futebol feminino local. Não temos estrelas do futebol feminino que as pessoas torcem aqui”, assim como existiam muitos fãs de Messi e Suárez na última década, exemplifica depois.

A conversa acabou por ser interrompida com a chegada de mais pessoas ao encontro. Afinal, só estavam lá eu, Giovanni, o dono do bar, Lillian e Miquel. Assim, mais um casal, um pouco mais jovem, entrou. “Eu não acredito”, disse Lillian, e logo eles começaram a se cumprimentar.

Antes de conversar com o pessoal novo, Lillian vem em meu encontro e pergunta mais sobre a reportagem. Depois de eu explicar sobre e falar que certamente o Barcelona era um dos clubes que teriam que ser abordados pela popularidade no Brasil, ela me conta mais detalhes sobre as Penyas.

“Penya significa torcida. A torcida organizada existe em todos os lugares. Tem na China, Rússia, França. Na América Latina toda... é uma febre mundial! A gente é associado ao Barcelona, então já teve carteirinha oficial, é cadastrado no clube. É um

movimento bem estruturado”, explica.

Mas não é desde sempre que ela esteve envolvida com o clube. Brasileira, começou a ter mais proximidade com o time quando conheceu Miquel. Ela diz que primeiro algumas amigas a convidaram para ver o jogo. “É tipo uma festa”, disseram para persuadi-la. E, antes de terminar de descrever o lugar, onde teve degustação de comidas típicas da Catalunha, venda de livros, entre outras atrações, todos centraram sua atenção na televisão para o hino do Barcelona.

Não era um coral ensaiado, mas poderia ser. A letra e pronúncia perfeita de *Tot el camp*, a primeira frase do hino, seguida de três palmas que pareciam uma só pessoa batendo. É o ritual dos jogos no *Camp Nou* de sempre antes da bola rolar todos cantarem essa ode — e no encontro no Brasil não foi diferente. A única palavra que pesquei ali no meio foi *blaugrana*, que faz referência às cores da equipe. O jogo contra o Real começava.

Voltando à festa, ela conta que foi num dia de São Jorge, em que comumente as pessoas presenteiam umas às outras com livros e rosas. Mas a condição para ir ao encontro era uma: torcer para o Barça.

“O Messi joga no Barcelona?”, foi uma das perguntas que Lillian fez no encontro. Relembra: “eu não sabia de nada. zero.”. E para quem não tem muita intimidade com o tema: Lionel Messi é um dos maiores jogadores da história do futebol e está na primeira prateleira entre os ídolos dos *Culé*⁸.

E ela gostou do ambiente. Em comparação com os encontros de torcidas organizadas brasileiras, destaca como positivo “não ter baixarias”, vulgo, gritarias

8 Culé é um sinônimo de barcelonista.

para todos os lados, além dos xingamentos. Alguns descrevem esses torcedores mais vívidos como o “torcedor raiz”, aquele que vemos na arquibancada do estádio mesmo, sem papas na língua.

Aproveitando o tema, Lillian contou da sua primeira experiência no Camp Nou. “Eu sentei, olhei para os lados, e pensei: que povo engraçado, ninguém grita”. Realmente, longe dos ultras, como são conhecidos os mais ‘apaixonados’, o comportamento das torcidas da elite do futebol europeu são mais comedidos.

E logo com um minuto de jogo, quase que o Barcelona abre o placar. Gavi cruzou na área e a bola foi interceptada. Nessa, a mesa entoou o clássico “uuuh”. Todos os presentes ainda conversavam, mas os olhos tinham mais predileção pelo que acontecia na televisão do que nos assuntos discutidos na mesa. “Se fizesse gol com Isaac no banheiro, ele ia ter que ficar até o fim lá”, disse Elaine, uma das que chegara pouco antes do apito inicial, sobre seu marido. Aquela superstição básica.

Antes da pandemia, essa Penya costumava se reunir em todos os jogos, sem falta. No período de quarentena, os encontros foram online, e recebiam ainda mais pessoas, do nordeste do Brasil, dos Estados Unidos e, claro, de outros brasileiros que estavam na Espanha. Passando essa fase mais complicada, retomando o ‘velho normal’, os encontros acabaram ficando reservados para os jogos mais importantes já que a disponibilidade do presidente não era a mesma.

O clássico fica mais tenso. O time da casa começa a ver o Real Madrid equilibrar as ações. No entanto, a imersão no duelo dá uma pausa quando passa um

carro da pamonha na frente do bar, um bom lembrete para sinalizar que ainda estávamos no Brasil. “Pensou que era um Madridista, né Miquel”, disseram na mesa, com bom humor.

A relação de rivalidade com o Real vai além das quatro linhas e se intensifica por isso. O próprio presidente do Barcelona, Joan Laporta, descreveu os merengues como “um time considerado o time do regime por sua proximidade ao poder”⁹. O regime a que ele se refere é o da ditadura de Francisco Franco (1936-1975).

O Barcelona tem como lema “Més que un club”, “Mais que um clube”, traduzido do catalão para o português. O clube sempre se apresentou como uma forma de resistência da Catalunha, especialmente no período da ditadura espanhola¹⁰.

9 Caso Negreira: presidente do Barcelona reclama de postura do Real Madrid e cita relação abalada. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/04/17/presidente-do-barcelona-diz-que-clube-seria-vitima-em-caso-de-pagamentos-a-ex-vp-de-arbitragem.ghtml>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

10 FIGOLS, V. DE L. FC Barcelona: entre o global e o regional (1988-1999). Dissertação de mestrado — Universidade Federal de São Paulo.

Até hoje o clube é colocado como um meio de afirmação da identidade catalã e diversos jogadores criados no clube, como Gerard Piqué, já manifestaram seu orgulho em defender essas cores¹¹.

Do outro lado, o Real é associado ao regime franquista e foi utilizado para fortalecer o ideal hispânico¹². Segundo a reportagem da revista Placar de Guilherme Azevedo, as conquistas que os *merengues*¹³ tiveram nas décadas de 1950 e 1960 foram utilizadas para favorecer a imagem do regime, apesar de não ter sido o único clube instrumentalizado.

“Culé basta ter nascido que leva cartão”, disse uma torcedora quando o treinador da equipe, Xavi, foi advertido com um amarelo por reclamação. Porém, o clima de brincadeiras e otimismos deu uma breve pausa ao final do primeiro tempo. No último lance antes do intervalo, o brasileiro Vinícius Júnior puxou um rápido contra-ataque que só foi terminar no fundo das redes, com gol do artilheiro francês Karim Benzema. A vantagem de um gol da ida acabava de ser igualada e o time da capital espanhola só crescia no encontro.

11 Barcelona e Piqué se posicionam contra prisões de líderes separatistas da Catalunha. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/barcelona-e-pique-se-posicionam-contra-prisoes-de-lideres-separatistas-da-catalunha.ghtml>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

12 Clube do regime? Entenda polêmica entre Real Madrid e Barcelona. Disponível em: <<https://placar.abril.com.br/futebol-eu-ropeu/clube-do-regime-entenda-polemica-entre-real-madrid-e-barcelona>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

13 Merengues é sinônimo de madridistas, ou torcedores do Real Madrid.

A relação dos torcedores de ambos os lados com a seleção da Espanha não é das mais simples. Especificamente em 2022, Elaine contou que as pessoas de Madrid não estavam tão empolgadas com a seleção principalmente pela falta de jogadores do Real no elenco e também pelo treinador que tem uma relação próxima com o Barcelona. Na final do mundial, disputado por Argentina e França, os penyistas foram diretos: Argentina e Messi.

“Moro há sete anos na Catalunha, eu e o Isaac”, revela Elaine. No Brasil para visitar a família, já faz parte da torcida do Barcelona há 11 anos. Curiosamente, seu companheiro, que é blaugrana desde pequeno, só se tornou sócio através dela. Após três anos na Penya você recebe um convite para ser associado, e após o casamento, ele passou a ter esse direito também. “É muito doido”, complementa.

Sua história com o país europeu começou devido aos estudos. Durante seu mestrado em comunicação feito com bolsa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), recebeu um email informando sobre a abertura de vagas para inscrições em um programa de intercâmbio. Primeiro, não tinha ligado muito, depois, ao receber um aviso do professor, percebeu que cumpria praticamente todos os requisitos: nota, produção, idade, disponibilidade, entre outros. A condição é que ela poderia estudar em qualquer outra universidade do mundo que tivesse contrato com a sua, a UNIP (Universidade Paulista), e também o patrocinador, o Santander Universidades. As opções que abriram foram Chile, Portugal e Barcelona. Já sabemos qual foi sua escolha.

Sua aproximação com o futebol foi diferente.

No Brasil, a cultura machista dos estádios a afastava de viver de forma próxima seu time de coração. “Vou em um estádio para que? Ser assediada?”, comenta. No Camp Nou, observou um ambiente menos hostil, com mães indo com as filhas, e até mesmo uma rivalidade mais saudável, com pessoas usando camisas de times rivais e andando ao redor do estádio sem nenhuma represália.

Elá detalhou um dos episódios marcantes dessa experiência in loco. “Teve uma vez que eu estava em Madrid, com amigos, e era um derby com o Atleti (Atlético de Madrid contra o Real, rivais da cidade). Após o fim da partida, você via todos deixando ao mesmo tempo o estádio, de forma misturada. Tinha até um casal que cada um estava com a camisa de um dos oponentes. Tu depois vê que o filho tá com a camisa de um clube, a mãe tá com a camisa do outro. E tudo isso me fazia pensar”.

Em 2012, o Barça vivia um dos melhores períodos da sua história, com vários títulos, incluindo a Liga dos Campeões da UEFA, o troféu mais cobiçado na Europa. “Na Espanha, conheci um menino do qual virei muita amiga. Nessa época, em que o time ganhava tudo, a equipe contava com Carles Puyol, Xavi, Andrés Iniesta e o Guardiola como treinador. Disse ‘quero fazer parte também!’, rindo.

Depois de voltar ao Brasil, em junho de 2013, essa amizade indicou uma forma de continuar acompanhando o clube, pela Penya, e assim criou o vínculo com a torcida e encontrou o atual marido em outubro daquele ano, em um El Clásico. “Quem venceu?”, perguntou uma das pessoas da mesa, e a Elaine respondeu “eu!”.

Entre os craques, seu grande ídolo é o Puyol, justamente por seu comportamento de liderança pelo exemplo. “Me mostravam vídeos dele. Lembro de um que alguém arremessou algo no campo, e nessa o Piqué [companheiro de zaga] queria puxar briga. E o Carles foi lá e deu uma bronca nele”, conta. “Eu via isso nele: capitaneava no sentido de proteger o jogo, proteger a instituição. Vocês não vão fazer merda. Não vão ficar reclamando com o juiz. Ele queria jogar”.

Seu marido número dois, como descreveu, representava na sua visão todos os valores do clube. Mesmo ela não sendo alguém “100% separatista” na questão da Catalunha, gostava muito de vários aspectos extra-campo. A La Masia, que é o centro de formação de jogadores do Barça, em que via uma forma de educação para além das quatro linhas. E também o episódio do posicionamento político no ano do centenário, em que a camisa passou a ter como ‘patrocinadora master’ a Unicef — porém, quem pagava para exibir a organização era o próprio time.

Há sete anos morando em Castelldefels, diz que é mais fácil os encontros acontecerem no Brasil do que lá na Catalunha. Nesses casos, principalmente a vida familiar por lá é mais ativa, com aniversário do tio, do sogro, do neto de alguém, por aí vai. Aqui, a situação é de mais tempo livre, mesmo que nem sempre o Barcelona coopere.

O segundo tempo voltou e começou um verdadeiro baile do Real Madrid, deixando a partida completamente em segundo plano. Com mais três gols de Benzema, o confronto foi completamente liquidado e o Barcelona terminou eliminado da Copa do Rei de 2023. Talvez isso tenha apagado um pouco a chama

de torcida, de apoios, mas não do encontro, que ainda rendeu muito papo furado por lá. Era claro que ali tinha amigos se encontrando com um ideal comum - bem mais que apenas um clube de futebol.

O JOGO DO GOL DO KOULIBALY

Uma das características marcantes da Mooca é justamente sua intimidade com a cultura italiana. Localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo, o bairro conta até com um time que leva o nome do clube com maior número de títulos nacionais da Itália, a Juventus de Turim.

Mas a história aqui é sobre o oposto da *Velha Senhora*¹⁴. A Juve é o clube rico, do norte da Itália, de enorme poderio dentro do país, e tem uma rivalidade intensa com o Napoli, do sul, da cidade de Nápoles. Lá, pode se dizer que é uma relação de ódio na qual há extremismos, como a xenofobia. Uma rivalidade bem diferente daquelas vistas regionalmente no Brasil. Também é um confronto entre um clube acostumado a ser campeão sempre contra um mais modesto, ou em uma analogia mais clara, um Davi contra Golias.

O encontro era justamente para celebrar um momento raro: a conquista do Campeonato Italiano, o *scudetto*¹⁵, por parte dos napolitanos. Fazia 33 anos desde o último triunfo na competição mais importante da Itália. No total, antes dessa temporada, o clube só havia conquistado a Serie A duas vezes em toda a sua história.

14 Apelido da Juventus.

15 Uma forma de se referir a conquista do Campeonato Italiano, em italiano.



Clima de estádio: fumaça, bandeirões e a torcida napolitana no Brasil celebra momento histórico antes de começar o jogo.

Era realmente um dia de ver a história sendo escrita.

Então, o Napoli Club Brasil, uma das diversas páginas nas redes sociais relacionadas à equipe, resolveu marcar um encontro para acompanhar o duelo contra a Salernitana, em uma manhã de domingo, horário tradicional para os brasileiros fãs do calcio. A priori, pelos engajamentos nas publicações dessa reunião, não parecia um evento muito badalado. Porém, o impacto presencial foi completamente diferente.

Desci na estação de metrô a cerca de 10 minutos a pé do Reduto Mooca, o bar escolhido para a confraternização. Ainda no caminho, identifiquei logo de cara duas pessoas com camisa azul tradicional do Napoli fazendo o mesmo trajeto. Chegando na frente do local, a primeira surpresa: o lado de fora

estava cheio, com uns 20 torcedores conversando na rua. A entrada era quase como de uma casa, com um quintalzinho, algumas árvores e placas de cimento no piso de grama guiando até a porta. O clima lembrava o de um ambiente de entrada de estádio. Bandeirões sendo balançados, conversas em alto volume e até sinalizadores de fumaça azul, principal cor do clube.

Quando contei o número de mesas (praticamente todas ocupadas), deu para sacar que nem todo mundo iria ver o jogo sentado — isso se coubessem todos dentro do bar. Não era um problema pelo clima de festa e também pela tensão criada ao aproximar do apito inicial.

Foi interessante reparar nas camisas. Uma delas estava com o nome do esloveno Marek Hamsik, um dos



Não importa onde: bandeiras do Napoli penduradas até nas árvores da entrada do bar.

ídolos recentes do Napoli, mas bem pouco conhecido pelo público brasileiro em geral. Outro, com uma personalizada, estava escrito Napoli Caraguatatuba. E incontáveis camisas retrôs da época de Diego Armando Maradona, maior atleta da história do clube e também quem dá nome ao estádio.

“Faltam oito minutos, vamos entrar, galera”, grita Luigi. No lugar cheio, reparei em outro detalhe: muitas faixas de clubes europeus. Partizan da Sérvia, Feyenoord da Holanda, Valencia da Espanha e curiosamente uma escrita ‘Hammers Brasil’, referente à torcida organizada do West Ham no Brasil (não é lá dos clubes mais populares da Inglaterra, mas pelo visto cativou corações tupiniquins).

O primeiro que conheci foi o Putinato. Administrador da página Napoli Brasil no Instagram, me recebeu bem e logo foi pegar uma cerveja com Abner, junto dele. Vi o jogo próximo deles. Assim como todos no ambiente, estavam em clima de êxtase - e o copo não ficava vazio.

Apesar do nervosismo, tanto de quem estava aqui no Brasil, quanto de quem estava na Itália jogando, o domínio foi do Napoli. Pressionando, criava as melhores chances e não foram poucas as vezes ouvindo o famoso “uuuuuh” em cada finalização. A primeira delas foi logo nos primeiros segundos. O artilheiro do campeonato, Victor Osimhen, subiu para cabecear e mandou do lado da trave de Guillermo Ochoa (sim, o mesmo goleiro mexicano responsável por parar o Brasil na Copa do Mundo de 2014).

“Não grita gol!”, diz Flávio mais preocupado com a famosa superstição: se comemorar antes de a bola

entrar, ela toma outro caminho e não morre dentro da meta. E o pior é que isso vai se repetindo durante vários momentos do primeiro tempo e até com ameaças de pescotapa (com responsabilidade). Entre as chances perdidas, Hirving Lozano vai se desenhando como vilão. Afinal, é o menos badalado do trio de ataque dos *azzurri*¹⁶ e também não se ajudou em certos lances tomando péssimas decisões.

E apesar do título iminente, essa não era a projeção do Napoli para esta temporada, muito pelo contrário. “Brincamos assim durante a temporada inteira: agora já escapamos do rebaixamento”, disse Putinato sobre seu grupo de amigos. Logo na abertura da primeira janela de transferências, o clube do sul da Itália perdeu nomes de peso: as duas grandes referências, Lorenzo Insigne, capitão do clube, e Kalidou Koulibaly, um dos melhores zagueiros do mundo, saíram para o Toronto do Canadá e o Chelsea da Inglaterra, respectivamente. Praticamente ninguém esperava que seus substitutos, o georgiano Khvicha Kvaratskhelia (ufa) e o sul-coreano Kim Min-Jae fossem não só fazer a outra dupla não deixar saudades como alcançar um feito ainda maior.

Talvez o momento mais fervoroso tenha sido realmente no intervalo. Todos saíram e, independente do resultado, as celebrações continuaram. Um acende fumaça dali, outro começa a balançar a bandeira aqui. É festa de arquibancada napolitana fechando uma rua da Mooca mais uma vez.

16 Azzurri, palavra italiana, significa azuis, em referência a cor principal do Napoli.

*“Sarò con te e tu non devi mollare. Abbiamo un sogno nel cuore, Napoli torna campione!”*¹⁷, entoavam — em italiano, é claro. Na sequência, veio “ei, ei, quem não pula é juventino”, com todos obviamente fazendo de tudo para não ficar parados. Ninguém quer ser confundido com o rival mais odiado. A maioria ali eram homens, entre 30 e 40 anos, apesar de ter alguns poucos mais jovens e algumas mulheres também.

Voltando para dentro, encontrei Abner e perguntei sobre seu grupo com os outros meninos. Conhecidos de 2015, a primeira reunião foi em abril de 2018 para acompanhar Juventus e Napoli. A partida terminou com uma vitória importantíssima do Napoli, um a zero fora de casa, mas não foi o suficiente para levar o título naquele ano.

“O jogo do gol do Koulibaly”, foi como descreveu. Para quem acompanha futebol italiano, não precisava de mais nada. E desde muito cedo ele via futebol e a parte da nostalgia do passado o cativava. Lendo sobre a década de 1990, se encantou com a Roma de Falcão e o Milan de Van Basten. No entanto, o que despertou seu maior interesse foi o futebol argentino e especialmente Diego Armando Maradona.

O ídolo do Napoli junto serviu de aproximação do clube, mas não foi o único fator. Além disso, Abner cita questões filosóficas, valores e até política. “Quando eu compreendi melhor a história da Itália, a questão do sul, de como isso é representado no futebol napolitano, me cativou demais. Esse período casa com o final do time com Hamsik, Cavani e Lavezzi”.

17 “Estarei contigo e tu não deve desistir. Temos um sonho em nossos corações, que o Napoli volte a ser campeão!”

Geograficamente, a Itália tem diferenças sociais, políticas e culturais bastante significativas entre suas regiões, especialmente entre os opostos norte e sul. O norte, por ter tido uma industrialização anterior ao resto do país, recebeu um fluxo de imigração vindo do sul, mais agrário e retraído nesses aspectos. Isso foi pretexto para a xenofobia contra os napolitanos, como é explicado ainda mais aprofundadamente no podcast Catenaccio, de Giovana de Assis, que aborda especificamente essa rivalidade regional¹⁸.

Indo para um lado mais econômico, o fato de o futebol ser visto cada vez mais como um produto deixou o laço de Abner ainda mais estreito com o clube napolitano. “Por exemplo, eu odeio o Real Madrid por essas questões. Claro, sem entrar no lado maniqueísta, porque infelizmente o capitalismo abrange todos. Mas de alguma forma é representado no Napoli esse conflito e ele é uma resistência. É uma coisa admirável você ver a cidade de Nápoles e como o futebol é um desafogo para isso”.

Corinthiano, também destaca a paixão pelo clube paulista. No fim, é tudo descrito com uma palavra: genuíno. O sentimento é puro, é autêntico, sincero. Às vezes não tem muita explicação, é o prazer de viver e sofrer pelo clube escolhido para amar. E a emoção também pegou alguns jogadores: Dries Mertens e o já citado Hamsik são dois dos atletas que

18 CATENACCIO #31 Norte versus Sul. Entrevistados: Leonardo Bertozi e Caio Bitencourt. Entrevistadora: Giovana de Assis. Nov de 2022. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/2m8hL3JI0NeGaN2Y4YRqov?si=VQ9qfaMHTSqZ-qPSWteuGiQ>>. Acesso em: 31 maio. 2023.

vestiram as cores dos *partenopei*¹⁹, tiveram propostas de gigantes europeus e optaram por ficar.

Falar do esloveno me lembrou de um pequeno acontecimento logo antes de voltar a partida para o segundo tempo. Um bancário chamado José Luis Catacomo estava com uma mala e, em certo momento, começou a tirar camisas históricas do Napoli. Uma delas é da época de quando o time estava na Série B do Campeonato Italiano. “Oficial”, ou seja, uma relíquia. Outra era com uma fornecedora não-italiana, algo raro na história do clube. A última que eu vi era uma réplica da época de Maradona, um pouco mais comum, mas mesmo assim com seu valor imensurável para os *tifosi* termo em italiano para torcedores.

A curadoria de uniformes é interrompida por mais uma grande chance desperdiçada pelos donos da festa. “Tem que entrar o Elmas e o Raspadori nesse time”, diz um mais exaltado. Depois, veio a ter razão. O segundo, o italiano Giacomo Raspadori, foi um dos responsáveis por tirar o zero do placar e levar a Mooca ao delírio. Batendo escanteio, colocou na bagunça na grande área e o herói improvável, o uruguai Mathías Olivera, testou no canto, sem chances para o carrasco Ochoa. 1 a 0 e começa o êxtase.

Primeiro, um pouco de humor e caos: uma parte não sabia nem quem fez o gol. A câmera focou em Osimhen, o craque do time, e depois no elenco inteiro comemorando junto. Quando todos finalmente entenderam quem colocou a bola lá dentro, começou o tradicional grito feito no estádio do Napoli. Um grita “MATHÍAS” e, em coro, a torcida responde “OLIVERA”.

19 “Outro sinônimo para designar os torcedores do Napoli.”

Incontáveis vezes. Até que na última, são gritadas as sílabas, respondidas pela torcida também em forma segmentada. Para quem ama um espetáculo de arquibancada, um show à parte.

“Agora tá resolvido, a Salernitana não joga”, disse alguém mais seguro de si. Para infelicidade de sua torcida, um pelo menos mostrou saber jogar, e muito. Faltando sete minutos para o fim do jogo mais acréscimos, o atacante Boulaye Dia pegou a bola pela direita e viu pela frente um batalhão de jogadores azuis. O senegalês não se intimidou, partiu para cima, fintou justamente Osimhen e trouxe para a perna esquerda. Não é o seu pé bom — pelo visto é o pé ótimo — com uma batida de chapa precisa, fez um golaço que não calou o bar, mas gerou uma reação de incredulidade.

Mãos no rosto, sorrisos sarcásticos, xingamentos. Um pouco de tudo aquilo já conhecido quando seu time sofre um golaço. “Os caras deram um chute no gol”, não foi só um, mas é aquela frase clássica quando você sofre um gol de uma equipe empenhada em ‘apenas’ se defender.

“Pior que tenho uma brincadeira com um amigo meu: sempre que Juan Jesus, zagueiro brasileiro do Napoli, entra em campo, a equipe leva gol”, disse para um próximo ao meu lado. “Confirmou agora”, responde rindo. Outro, mais à frente, não gostou nem um pouco. “E quem te perguntou?”. Subiu um frio na espinha, mas foi bom para me colocar no meu lugar de espectador.

No pouco tempo que restou de jogo, a impaciência tomou conta do lugar. O clima pesou consideravelmente, especialmente nas palavras agressivas direcionadas a Ochoa. Enfim, depois do

apito final, alguns sorrisos amarelos, outros só viraram as costas para a televisão e saíram do bar. Mas ainda tinha festa pela frente.

“Com o Napoli nunca vai ser fácil”, desabafou Luigi comigo logo na saidinha para a rua. Aproveitar para puxar assunto especialmente sobre o Napoli Brasil. O grupo existe há alguns anos, por volta de seis. Presencialmente, o primeiro encontro aconteceu em 2018, no mesmo jogo citado por Abner: um a zero para o Napoli com gol do Koulibaly. Um desfecho mais prazeroso do que o do dia de hoje.

O encontro trouxe gente de todos os cantos possíveis. Torcedores da praia do Guarujá. Outros ainda mais longe, de Brasília, do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e até de quem viajou do Nordeste apenas para acompanhar o jogo do título. E nessa, uma bela descoberta. O próprio entrevistado não era nem do Brasil.

Luigi é nascido em Nápoles - e foi imperceptível qualquer dificuldade em falar português, é perfeito. Ele veio para o Brasil com quatro anos e está junto de seu irmão e mãe. As idas e vindas para o país natal são frequentes: no primeiro jogo da temporada, vitória do Napoli por 4 a 0 em cima do Monza, esteve no estádio. “Fui eu e minha mãe lá no San Paolo (nome antigo do estádio napolitano, hoje Diego Armando Maradona). Eu vi o primeiro gol de um asiático com a camisa do Napoli, Kim Min-Jae, atual zagueiro da equipe”.

Ele ainda contou ‘um bagulho muito louco’, como descreveu. Enquanto seu clube estava na terceira divisão, uma vitória importantíssima aconteceu em uma terça-feira e, durante esse jogo, no impulso, ele comprou uma passagem para a cidade para ver

a partida decisiva valendo o acesso para a divisão superior. Porém, precisava resolver questões pendentes do trabalho.

Como jornalista, trabalhar aos finais de semana é comum. Porém, Luigi tinha uns dias de folga para tirar. “Liguei para minha chefe na época e falei ‘meu outro chefe deu sete dias de folga’”. Perguntado quando ia utilizar, respondeu seco: “a partir de agora”. Seu amigo do trabalho já estava a postos para assumir a coluna de política do jornal santista A Tribuna.

No meio da partida no tal sábado, Luigi recebeu uma ligação do companheiro. “Onde você está?”. Bem, foi um longo caminho: saiu do Brasil para Frankfurt, na Alemanha, depois Roma na Itália e no fim chegou finalmente em terras napolitanas. Lá, diretamente da enorme massa azul, viu sua equipe ser campeã da terceira divisão italiana fazendo uma festa ímpar.

Depois disso, quis saber se ele tinha algum time brasileiro. “Nunca, zero. Eu nunca usei outra camisa que não a do Napoli e da seleção italiana.”. Até a pele tem juras de amor ao clube: tatuagens de Hamsik, Maradona e do próprio escudo. Então, torcendo para um time que não levanta troféus todos os anos, deixou o encontro com um gostinho especial. “Um título do Napoli vale por 30 de alguém do norte (em referência aos times do norte italiano). Eles têm o poder.”.

Luigi usa a camisa da Itália, mas José Catacomo, com quem conversei em seguida, afirma: não cresceu como um italiano, mas sim como um napolitano. “O Napoli não é clube de futebol para quem você torce. O Napoli é uma cidade e uma cultura que você defende. E assim, já estive algumas vezes na Itália e quando se identifica como napolitano fora da cidade, você é visto

como um lixo”, conta o bancário.

Toda essa cultura napolitana veio junto com o time de futebol. Seu pai e seu avô são napolitanos. Eles acompanhavam os jogos pela rádio já que nem todos tinham transmissão televisiva. De alguma forma, conseguiam captar ondas médias da rádio Rai.

Primeiro, uma paixão de família. Segundo, um amor compartilhado. Com a popularização da internet, comunidades no finado Orkut apareceram e assim ele foi se conectando a mais fãs do Napoli no Brasil. “Compartilhar isso é maravilhoso. Saber que você tem pessoas com a mesma origem, mesmo sentimento. Em parte, é uma geração que não sofreu em loco aquele preconceito, todo o sofrimento. São torcedores absorvendo isso de seus antepassados. É perseverar para prosseguir com o sentimento napolitano”. Tanto ele quanto seu pai buscaram essa identidade em um clube brasileiro.

A história começa com seu avô, fugitivo da Itália. Em época de guerra, o país europeu comandado pelo ditador Benito Mussolini convocava especialmente os napolitanos para a linha de frente, segundo José. Então, o avô decidiu por escolher um clube brasileiro rival de outro que homenageava o país natal. No fim, a identificação veio com o Corinthians, o maior adversário do Palestra Itália, precursor do Palmeiras.

José tem um apreço um pouco diferente, porém, também com o Timão. “Eu torço pelo Corinthians, no entanto, ia no estádio em busca desse sentimento: de rebeldia, do gueto, do sofrimento, de fazer parte das pessoas menos favorecidas. Essa é a correlação com os napolitanos”. E, sim, está no passado. Ele não vai mais desde que o clube do Parque São Jorge construiu uma

arena, o estádio mais moderno — e caro.

Ele se assume como um ‘corintiano da época do Pacaembu’. Entre vários jogos com seu pai lá, conta como o lugar inspira a essência do corinthianismo, diferente da nova casa. Da mesma forma, torce para que o Napoli nunca se desfaça do Diego Armando Maradona.

Esse laço, tanto com o estádio quanto com a instituição, é importantíssimo para identificação. José traz o lado também do legado. Do time atual não só defender as cores e as relações já existentes, mas também estabelecer uma conexão com os jovens, uma nova geração.

Com 20 anos, Putinato estava no pódio dos mais jovens daquele encontro. Certamente um dos mais emocionados ao fim da reunião de torcedores, em



Presença estrangeira: Deutsche Welle entrevistou Maiara, presidente do fã clube do BVB Brasil.

nenhum momento duvidou do comparecimento em grande número dos aficionados pelo Napoli.

Curiosamente, sua história com o clube italiano começou devido à cor azul do uniforme - e ele é daltônico. A cor que também é muito parecida com a camiseta da seleção uruguaia de futebol, a qual, seu pai, como são paulino, gostava muito por conta dos ídolos tricolores vindos desse país. A primeira camisa de Putinato foi de Diego Forlán, camisa 10 do Uruguai na histórica campanha de 4º colocado no Mundial de 2010.

Apesar de ser uma história de amor, envolve junto muito ódio. “Não vou falar o nome. A letra J é proibida”. Não vem ao caso qual palavrão ele usava para se referir ao time, mas é fácil entender que se trata da Juventus. E também traz mais detalhes de como esse desafeto



Tensão: torcedores do Borussia Dortmund focados minutos antes do apito inicial.

entre as instituições vai além dos antagonismos vistos no Brasil. “Em Nápoles, você não vai ver um torcedor juventino. É uma rivalidade muito acima. O corintiano não trata o palmeirense como um diabo. Nós temos isso. Lá é resistência e paixão. E o dia mais feliz da minha vida foi 22 de abril de 2018. Fiquei mais do que quando conheci meu ídolo Falcão, do que quando passei na faculdade e até quando meu cachorro chegou em minha vida”.

Já tem uma ideia de qual dia é esse? Juventus zero, Napoli um. O famigerado gol de Koulibaly.

MURALHA (VERDE E) AMARELA

Aqui descobri que eu não era pé frio — é um pé congelante, frígido, uma tempestade de neve em cinco dedos. Impressionante a capacidade de levar a desgraça para festas alheias. Sem estar satisfeito de acompanhar uma goleada histórica do Real Madrid sobre o Barcelona e o improvável empate da Salernitana sobre o Napoli, responsável por adiar em uma rodada a festa do título, decidi que minha má sorte acabaria junto com tabu de 11 anos do Borussia Dortmund, o BVB - e não aconteceu.

A Bundesliga, o campeonato nacional da Alemanha, terminou no dia 27 de maio, em 2023. Todos os jogos da última rodada foram simultâneos e a situação era a seguinte: o Bayern de Munique, grande potência do país, já vencia o torneio há 10 edições consecutivas. Definitivamente, era um dos clubes mais poderosos da Europa. No entanto, em uma temporada atípica, com trocas no comando técnico e problemas na montagem do elenco, uma chance de essa dinastia cair surgiu. Os Bávaros ocupavam a segunda posição no momento final. Depois de 33 jogos, quem figurava no topo era o Dortmund. Tudo que os aurinegros precisavam era triunfar na última partida e o título ficaria em suas mãos.

A diferença entre os rivais era de dois pontos. Ou seja, o Bayern só poderia ser campeão batendo o Colônia, time que não brigava por mais nada na competição, e ainda precisaria torcer para que o

Borussia pelo menos empatasse com o Mainz, outro time que não tinha mais nenhuma aspiração. Nos critérios de desempate, a equipe de Munique levava a melhor por conta dos saldos de gols. Fez uma diferença enorme.

Enfim, o cenário era completamente favorável para uma festa do Borussia Dortmund, provavelmente histórica. Até por isso, o Borussia Dortmund Brasil organizou um encontro de torcedores no Bar Luzinete, na região do Brooklin, em São Paulo. A expectativa era de presença massiva, e de pessoas de todos os cantos. Inclusive, a emissora alemã Deutsche Welle também marcou presença, entrevistando algumas pessoas por lá.

O nível de otimismo era altíssimo. Até mesmo no encontro com os napolitanos, virtuais campeões italianos, não senti tanta fé no resultado positivo. Bem justificável, claro, afinal só era preciso vencer 11 jogadores praticamente de férias.

“Já somos campeões? Cheguei atrasado”, diz Flavião enquanto conversava com Joel. Joel Baluz é o vice-presidente do fã clube do Borussia Dortmund no Brasil. Junto com a presidente Maiara, e o designer Renan, eles tocam o projeto, com encontros especialmente nos grandes clássicos, como contra o Schalke, principal rival regional, e o Bayern de Munique.

A ideia da Bundesliga, liga bastante ativa em questões de marketing, era de que o encontro dessa última rodada fosse feito em conjunto com os torcedores do Bayern. No entanto, a diretoria do BVB Brasil vetou para evitar estresse e possíveis ruídos.

“Na minha opinião, quando você coloca os dois

juntos, abraçadinhos, perde um pouco esse conceito de rivalidade. Fora que, se alguém faz uma brincadeira, a gente tem a tendência de pegar pilha, porque tá perdendo o jogo. Então, para não criar a animosidade, e pelo momento do Borussia Dortmund, acredito que seja o ideal vermos entre irmãos”, explica Joel.

Antes de torcer para o clube alemão, a paixão surgiu com o Palmeiras. Em 1993, seu avô o levou para o estádio. Em 1999, começou a curtir mais o futebol europeu, na época com 10 anos.

No fim, os aurinegros apareceram na sua vida em 2003. O jogo na ocasião era um confronto contra o Real Madrid com um time estrelado: o francês Zinedine Zidane, o português Luís Figo e o brasileiro fenômeno Ronaldo eram alguns dos nomes de alta grife na equipe merengue. Mesmo assim, os olhos brilharam por outros elementos. “Na época, o Dortmund tinha o Amoroso, Dedê, Evanilson... E a camisa amarela, como brasileiro, me chamou atenção. A imprensa na época só falava do Real dos galáticos. Mas aquele Borussia jogou para caramba. Empatou em casa e perdeu no (Santiago) Bernabéu. Assim, fui construindo uma paixão, aos pouquinhos”.

Seu coração também pendeu para outro grande da Europa, porém, não por tanto tempo. Dividindo o afeto com o Manchester United, descobriu que na verdade seu grande apreço era por um craque do time, o holandês Ruud van Nistelrooy. Após sua saída de lá, Joel se tocou: não gostava tanto assim do clube inglês.

A experiência do vice-presidente do fã clube em torcidas de times estrangeiros é considerável, e também o permite a comparar elas. Segundo ele, é um traço especial do Dortmund ter torcedores devotos,

com uma fidelidade ímpar e um calor estonteante, diferente de uma frieza percebida nas reuniões com os apoiadores dos *Red Devils*²⁰, e até de outros grupos como do Tottenham e do Arsenal — uma crítica construtiva, nas palavras dele.

Nessa toada, pedi para fazer também dizer as diferenças do comportamento dos alemães para os brasileiros. “É a cultura do futebol. Eles são mais pacientes, nós somos imediatistas. Por exemplo, imagina tu ficar 12 anos sem ganhar um título. 12 anos perdendo para o Bayern de Munique. Aqui iriam virar carros, perseguir jogadores. Lá eles são pacientes. Então, acredito em um equilíbrio: não se pode ser tão paciente, pacífico, e também não dá para ser exageradamente fervoroso”.

Falando em fervor, o apito inicial se aproximava. Agora com muitas pessoas, o bar precisou colocar até mesas do lado de fora. Transmitido na televisão aberta, José Luiz Datena foi o narrador responsável, para desagrado de alguns por ali que preferiam por outro estilo de locução. O primeiro grito é puxado, logo antes de a bola rolar. Foi fácil de entender: olê olê olê Borussia Dortmund.

Logo na primeira dividida, gritos e aplausos. Todos ali estavam prontos para jogar junto o tempo todo, realmente sentindo a atmosfera e a importância do momento. E não demorou para o otimismo subir ainda mais: aos três minutos, o holandês Donyell Malen deu um giro na entrada da área, acertou um chute na rede pelo lado de fora e arrancou o suspiro da galera. Pouco depois, um escanteio perigosíssimo dos aurinegros quase terminou na rede, mas o goleiro adversário fez

20 Apelido do Manchester United.

uma ótima defesa. O capricho fez falta.

O Mainz aproveitou a primeira chance que teve para tirar o zero do placar. No meio de três defensores, Andreas Hanche-Olsen recebeu um cruzamento forte e desviou de cabeça em direção ao gol. A bola passou justamente no espaço entre o centroavante Sébastien Haller e o goleiro Gregor Kobel. Um tento quase impossível, improvável, mas aconteceu. “Que gol foi esse”, grita um, incrédulo. “Já chama um resgate, deixa de prontidão”, brinca outro. Os nervos vêm à flor da pele.

Não demorou para mais uma ótima chance do Borussia Dortmund. No primeiro ataque após o revés, o português Raphaël Guerreiro é derrubado dentro da área. O juiz não marca de primeira, porém, ao revisar depois da recomendação do VAR (arbitragem de vídeo), muda de opinião e assinala pênalti para os donos da casa. O cenário perfeito, praticamente, para um time em desvantagem.

Na marca da cal, o camisa nove, Haller. “Não gostei da cara dele”, diz Datena, entre muitos xingos dos presentes no encontro. No fim das contas, estava correto. A cobrança foi ruim. O jovem arqueiro alemão de 25 anos, Finn Gilbert Dahmen, voou no canto certo e espalmou para o lado. Como diria o narrador Galvão Bueno, estava se criando um clima terrível.

A bola queima nos pés dos favoritos, enquanto quem não tem nada a perder joga leve. Aos 23 minutos, o segundo balde de água fria. “Não é possível”, mas era. Em jogada rápida pela esquerda, Jae-Sung Lee colocou com precisão na cabeça de Karim Onisiwo. A testada foi no alcance de Kobel, porém, faltou força para espalmar longe. Dois a zero para os visitantes.

O resultado pesava ainda mais, pois o Bayern estava ganhando seu jogo, um a zero, em cima do Colônia.

“A gente vai virar aqui”, me avisa o Flavião, com otimismo, no intervalo. Entre os mais experientes da torcida, com 40 anos, começou com essa paixão no escuro. Enquanto jogava futebol na rua, descobriu um amigo que tinha proximidade com a família do zagueiro brasileiro Júlio César. Em uma dessas peladas, essa amizade avisou o próximo destino do jogador: Borussia Dortmund.

“Sempre curti coisas medievais. E o nome souu muito nessa linha. Passei a perguntar mais sobre o Borussia para esse nosso amigo. E meu irmão, que tinha se mudado para Campinas e também se aproximado da família do Júlio, trazia notícias dele e do time para mim”, conta.

Foram anos até Flávio realmente ver uma partida do clube que cativava seu coração. Para acompanhar, viu sua família assinar um jornal especialmente para isso. Na publicação, na parte de esporte, tinha os principais campeonatos europeus, e entre eles, o alemão. Ou seja, acompanhava os resultados no papel.

Ver o uniforme aconteceu pela primeira vez em um intervalo de jogo. O duelo não envolvia o Dortmund, mas a transmissão da TV Cultura em 1994 passou os melhores momentos do primeiro tempo da partida do Borussia daquela rodada. “Eu vi a meiazinha listrada, o amarelo e preto”, descreve feliz.

Assistir uma partida por completo demorou mais de uma década desde que ouviu o nome do clube pela primeira vez. Em 2008, através do finado canal Esporte Interativo, conseguiu realizar um dos sonhos. A proximidade só aumentava, e também pela internet,

começou a conhecer outros torcedores brasileiros do time que montaram um grupo no WhatsApp.

Ele pensava ter sido o primeiro a fazer algo do tipo até conhecer o Borussia Dortmund Brasil. “Vi o post de um encontro, na final de uma Copa da Alemanha, Borussia e Bayern, e conheci Joel e Maiara. Eu fui com o intuito de convidá-los para meu grupo (risos). Mas só que não. Já existia o fã clube, com os dois. Uma coisa mais profissional, bem diferente”.

Em casa, Flávio e sua família dividem o amor pelo BVB. O destaque vai para a filha Manu, de apenas 10 anos. “É mais vidente no Dortmund que eu e meu outro filho. Ela até brinca com a Maiara que será a futura presidente do fã clube”. Bem, se esse amor resistiu até o fim do dia, não há sofrimento que o derrube.

De volta ao segundo tempo, a fé ainda existe. Capitão e ídolo da equipe, o alemão Marco Reus, entrou no finalzinho da primeira etapa e é uma das esperanças de uma virada histórica. Também há outra possibilidade para terminar a temporada como campeão: um tropeço do Bayern de Munique. “Parece um sonho”, diz Maikon, não acreditando nessa derrota, mas avisando que ainda acredita na remontada.

O treinador Edin Terzić trocou o lateral Wolf pelo jovem atacante de 18 anos Youssoufa Moukoko no intervalo para tornar o Borussia ainda mais ofensivo. Também ficou mais exposto, e quase sofreu o terceiro no começo da segunda etapa. Por sorte, a jogada foi mal finalizada por Onisiwo. “Time voltou com a mesma atitude”, reclama um ao meu lado.

Em uma chuva de cruzamentos dos donos da casa, um deles quase morreu dentro do gol. Pouco antes de completar uma hora de jogo, Moukoko

apareceu bem e colocou na área com muita categoria. O zagueiro Mats Hummels tocou os cabelos na bola. Na segunda trave, chegando para completar, Haller, em um dia amaldiçoadão, furou o carrinho. Era só empurrar. O replay, recheado desses detalhes, foi um momento bem frustrante para os torcedores. E para piorar, Mallen perdeu um gol feito dentro da pequena área alguns minutos depois.

“Coloca o Reyna”, grita um mais exaltado. Não sei se Terzić também estava ouvindo isso no Signal Iduna Park, porém, atendeu ao pedido — e fez efeito imediato. Faltando 20 minutos para acabar o campeonato, o estadunidense Giovanni Reyna mostrou personalidade: partiu para cima da defesa adversária, tabelou e deixou Guerreiro em ótima condição para chutar no cantinho. O gol ainda teve uns tons de dramaticidade com a finalização batendo na trave antes de entrar.

Apesar da pressão incessante, o milagre necessário aconteceu no vizinho. “Pênalti para o Colônia!”, gritam algumas vozes espalhadas pelo bar. Alguém com o celular ligado no jogo do rival vira a principal atração da manhã. Olhos postos para ver a cobrança do austríaco Dejan Ljubičić. Bola de um lado, goleiro do outro, mais uma explosão efusiva dos torcedores aurinegros no dia. A salva de prata voltava para suas mãos para logo escorregar de novo.

Faltava um minuto para o fim do tempo regulamentar quando o Bayern voltou à frente. O jovem talento Jamal Musiala saiu do banco e, no seu primeiro chute, marcou um golaço, dando a vitória aos bávaros. A partir desse momento, só a vitória interessava ao Dortmund contra o Mainz - chegou perto.

O segundo gol, do empate, veio no fim dos acréscimos. Pouca comemoração e alguns aplausos, afinal, não havia mais tempo hábil para virar. Depois, um clima de desolação após o último apito do juiz. O silêncio se misturava com algumas lamentações e até mesmo tímidos soluços de choro. Uma derrota indigerível.

“Estamos tristes, mas a gente está junto”, diz a presidente do fã clube, Maiara. Uma das responsáveis por organizar o encontro, conversou comigo com um sorriso no rosto apesar do revés bem doloroso. E isso é uma característica já mencionada dessa torcida, a fidelidade: mesmo há anos sem título, a média de público no estádio terminou, nesta temporada, acima dos 80 mil por jogo, uma das maiores do mundo²¹.

“É impossível passar batido pela torcida do Dortmund”, ela explica. Sua vida começou a se confundir no futebol justamente por conta dessa cultura de arquibancada, mas ainda no Brasil. Aos 18 anos, foi pela primeira vez ao antigo estádio do Palmeiras (olha o ele de novo ai), Parque Antarctica. Fez parte da criação da torcida feminina do Savóia e, acostumada com o meio e habituada a posições de liderança, também encabeçou o início da estruturação do grupo do Borussia Dortmund no Brasil.

Inicialmente, foi algo mais familiar, entre ela e o pai. Foi ele quem acendeu uma das primeiras chamas em relação ao clube alemão mostrando a reprise de

21 International attendance ranking. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com/verein-statistik/zuschauerrangliste/statistik/stat/plus/0?verein=weltweit&wettbewerb=pflicht>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

um programa. “Era uma época em que a gente tinha muito acesso ao futebol inglês, muito acesso ao futebol espanhol, mas ao alemão não. Só que na Copa da Alemanha, em 2006, teve uma prévia que apresentou estádio por estádio, e entre eles estava o Signal Iduna Park. Nisso, contaram um pouco da história do Borussia Dortmund. É fantástica. Não tem como não se apaixonar. É muito forte, de resistência, de inclusão”.

De forma breve, Maiara me contou mais sobre o clube. O Borussia (significa Prússia, antigo reino alemão) foi criado dentro de uma igreja católica em um país que era predominantemente protestante. “Ele já começa diferenciado”, destaca, por conta da religião. Foi fundado e dirigido por imigrantes e operários das minas de carvão. “A história dele é fora do contexto do que era tido como valoroso para o alemão”.

Durante sua existência, precisou enfrentar o preconceito contra imigrantes e também o regime nazista. “Era obrigatório ter um Führer em cada lugar, e o Dortmund bateu de frente: não vamos, não queremos. Foram mortos quase todos os fundadores, exceto um. Ele cedeu porque, se não, seria perdida essa veia histórica”, descreve.

Assim como Flávio, a presidente começou a se interessar pelo BVB em um período de pouca informação e nenhuma transmissão. Somente três anos depois, em 2009, conseguiu a primeira camisa da equipe, por exemplo. E, em busca de outros torcedores, encontrou na extinta rede social Orkut uma oportunidade de criar essas conexões.

O criador da página foi o sobrinho do jogador Tinga, ex-Internacional de Porto Alegre, na época no time alemão. Esse primeiro contato, com cerca de 13

pessoas, durou até 2010, quando o meio-campista saiu do clube e o sobrinho decidiu por encerrar a comunidade na rede social. Um ano depois, apareceu o Borussia Dortmund Brasil.

Maiara começou a fazer parte mais assiduamente da organização em 2012, depois da migração para o Facebook. Através da experiência acumulada na organizada do Palmeiras, ajudou a estruturar o fã clube. O primeiro encontro em São Paulo aconteceu em uma partida histórica: a classificação do Borussia contra o Málaga para a semifinal da Champions League. “Três pessoas em um pub na Paulista. Provavelmente, o jogo que mais berrei na vida”, descreve. “O segundo encontro foi contra o Real Madrid, aumentou mais a quantidade”.

Crescendo gradualmente, hoje a entidade é reconhecida oficialmente pelo Borussia Dortmund. Inclusive, associados podem comprar ingressos para os jogos no Signal Iduna Park através do grupo.

“Tenho um desejo ainda, se Deus quiser, conhecer lá”, me conta Maikon, em outra conversa do lado de fora do ambiente. Fanático pelo BVB, é ainda mais apaixonado pela torcida, especialmente a arquibancada sul, a Die Gelbe Wand, ou conhecida no Brasil popularmente como Muralha Amarela. “Se eu não for nela, não vai contar”, destaca.

Na sua visão, os torcedores são parte essencial do esporte como um todo. Seu interesse pelo futebol surgiu justamente do impacto da primeira vez que pisou em um estádio — curiosamente, também foi na casa do alviverde paulista (o verde do título do capítulo não é referência ao Brasil). “Tinha 12 anos e meu tio, muito fanático pelo Palmeiras, me levou para

o Parque Antártica. ‘Não quero ir não’, avisei ele, mas me levou mesmo assim. Lá, Palmeiras três a um no Novorizontino, três gols do Mirandinha (na verdade foram dois, o outro foi do Ditinho, mas isso pouco importa)’.

Ao entrar no Parque Antártica, em abril de 1986, ficou perplexo. “Tudo que eu via na televisão parecia mentira. É outro mundo”, descreve. A paixão virou fanatismo. Com 15 anos, um amigo o levou para fazer a carteirinha da Mancha Verde, torcida organizada do Palmeiras. A partir dali, viveu 100% pelo clube, pela torcida e até ia em brigas contra os rivais na época.

“A juventude é explosiva. A gente quer se mostrar para os outros. E eu não me arrependo de nada. Eu curti. Para mim era legal naquele momento. Hoje não é. Acalmei depois que me casei”, conta. Hoje, prefere a tranquilidade de comer um churrasco, um amendoim, tomar um chopp. A responsabilidade de um emprego e sua esposa foram razões para pisar o pé no freio dessa vida.

Todo esse amor por cultura de torcida não ficou limitado ao Brasil. Mais um que, ao ligar na TV Cultura, se deparou com o Borussia Dortmund. Assistindo um jogo contra o Hoffenheim, se encantou com o que viu nas arquibancadas.

Acompanhando aos poucos, com o tempo passando, veio a internet, o videogame e até a televisão a cabo ele fez questão de pagar para poder assistir aos jogos da equipe. “Me fascinava”, de novo, sobre os torcedores. Para ele, sem eles, não existe futebol. Não tem graça. E toda vez o grande espetáculo era

acompanhar a famigerada Muralha Amarela. Pessoas mobilizadas por um clube de poucas conquistas, um amor genuíno - lembra a história de outra pessoa desse livro, inclusive.

Até mesmo a religião foi um motivador para Maikon seguir as cores aurinegras, já que ele também é católico. “Gostei ainda mais do clube. Tenho tudo do Borussia. Virou minha rotina. Palmeiras e Borussia. Não sei se o clube alemão é metade, mas ocupa uma boa parte do meu coração. Já enraizou”.

A essência, como ele diz, é a massa gritando e apoiando seu time do coração. Bandeirões, a festa, a celebração em grupo. Querendo ou não, o futebol é um espetáculo, e a arquibancada não é plateia, é protagonista. O título que escapou é importante? Com certeza. Mas não é o que move. Colocar 80 mil pessoas em um estádio para se entregar durante 90 minutos por um ideal é tão saboroso e especial quanto qualquer troféu.

AGRADECIMENTOS

Primeiro começo com um pedido de desculpas às torcidas brasileiras do Barcelona, Napoli e Borussia Dortmund. Está para nascer alguém mais azarado do que eu. Brincadeiras à parte, agradeço demais a recepção e todo o carinho dado nos três encontros que proporcionaram entrevistas e histórias incríveis. Infelizmente, nem todas couberam aqui, mas certamente levarei para vida.

O mais importante, agradeço minha primeira família, minha mãe Marta, meu pai Fábio, meu irmão Gabriel e minha irmã Bia. Me educar quando criança não foi uma tarefa fácil, e mesmo assim sempre acreditaram em mim e na minha capacidade aliado a um amor incondicional. E também um salve para o colégio Oswald de Andrade, minha primeira e única escola antes da universidade e que me moldou para o mundo com ética e senso crítico.

Agradeço a minha segunda família, que vem comigo desde a infância: Danilo, Renato, Tupi e Guilherme. Um agradecimento especial ao último, meu braço direito em qualquer texto que escrevo (inclusive esse). Já conhece todos meus trejeitos, todos os erros que eu adoro cometer e, mesmo assim, com uma paciência ímpar, me ajuda a deixar minha escrita o mais tragável possível para todos os públicos.

A minha grande família BaterECA. Um presente que virou minha vida de ponta cabeça e me deu um

viver mais alegre. Se hoje tenho o prazer de sambar é por cada amigo e amiga que fiz nessa entidade e que me entregou de corpo e alma para que cada novo ingressante possa ter a mesma vivência que eu. E se me formei na ECA, e não em outra faculdade, essa bateria tem uma parcela importante de culpa (?) nisso.

Não posso deixar de mencionar o famigerado Prainha Boyz, meu grupo de amigos de tantas noites de jogatina durante a pandemia e que até hoje guardo lembranças de dias que não prometiam nada e me entregaram risadas e conforto enquanto não tínhamos a perspectiva de algo melhor. E também ao meu primeiro grupo de amigos ecanos, o Grupo do Hexa, que são as melhores amizades que poderia pedir no meu primeiro dia na universidade.

Agradeço a outra família, a Família Futsal, por me receber tão bem e sempre acreditar em mim até mesmo quando não dei motivos para tal. Querendo ou não, todo mundo que ama o futebol tem um pouco do sonho de ser jogador, e nessa entidade pude encontrar ótimos companheiros que ousaram sonhar comigo no esporte universitário.

Também preciso agradecer uma pessoa especial do meu trabalho, o meu colega carioca Rennan Rodrigues. Toda a companheiragem ao longo desses últimos meses de produção do livro foram essenciais para que eu pudesse entregar tudo dentro do prazo. E isso só foi possível pela sua fé no meu talento. Se hoje acredito em mim é porque você, e nosso time incrível, acreditou dez vezes mais antes.

Por fim, não menos importante, agradecer meu

orientador Luciano Maluly que, com poucos encontros, simplificou o que não era para ser complexo e desatou os nós que eu mesmo coloquei nesse livro, trazendo um resultado muito satisfatório. E também à artista Letícia Santiago, responsável por toda parte visual e estética, e autora desta capa maravilhosa.

REFERÊNCIAS:

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

COIMBRA, Oswald. O texto da reportagem impressa - um curso sobre sua estrutura. São Paulo, Ática, 1993.

FIGOLS, V. DE L. FC Barcelona: entre o global e o regional (1988-1999). Guarulhos, 2016. Dissertação de mestrado — Universidade Federal de São Paulo

SIMÕES, A. Real Madrid tem a terceira maior “torcida” do Brasil, aponta pesquisa CNN/Itatiaia/Quaest. Disponível em: <<https://www.itatiaia.com.br/editorias/esportes/2023/04/11/real-madrid-tem-a-terceira-maior-torcida-do-brasil-aponta-pesquisa-cnnitatiaiaquaest>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SIMÕES, A. Espanhol e Inglês disputam posto de liga “queridinha” dos torcedores brasileiros. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/espanhol-e-ingles-disputam-posto-de-liga-queridinha-dos-torcedores-brasileiros/#:~:text=Apesar%20de%20contar%20com%20os>>. Acesso em: 17 maio. 2023.

Johan Cruyff - Perfil de jogador. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/johan-cruyff/profil/spieler/8021>>. Acesso em: 21 maio. 2023.

Caso Negreira: presidente do Barcelona reclama de postura do Real Madrid e cita relação abalada. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/04/17/presidente-do-barcelona-diz-que-clube-seria-vitima-em-caso-de-pagamentos-a-ex-vp-de-arbitragem.ghtml>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

Barcelona e Piqué se posicionam contra prisões de líderes separatistas da Catalunha. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/barcelona-e-pique-se-posicionam-contra-prisoes-de-lideres-separatistas-da-catalunha.ghtml>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

Clube do regime? Entenda polêmica entre Real Madrid e Barcelona. Disponível em: <<https://placar.abril.com.br/futebol-europeu/clube-do-regime-entenda-polemica-entre-real-madrid-e-barcelona>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

CATENACCIO #3 | Norte versus Sul.
Entrevistados: Leonardo Bertozzi e Caio Bitencourt.
Entrevistadora: Giovana de Assis. Nov de 2022.
Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/>>

